

# ALEJANDRO LLORET

Alejandro Lloret é um homem incomum. Definitivamente incomum. E a referência incomum não é física. Na verdade o que é incomum é a sua história pessoal. Pelo menos para alguns brasileiros, sobretudo aqueles que não enfrentaram um governo com mãos de ferro e que tenham herdado uma pátria como a brasileira, hoje totalmente livre e sem limitações ou "impedimentos políticos" dentro do estado do direito democrático, esta é sim uma história incomum de uma pessoa incomum.

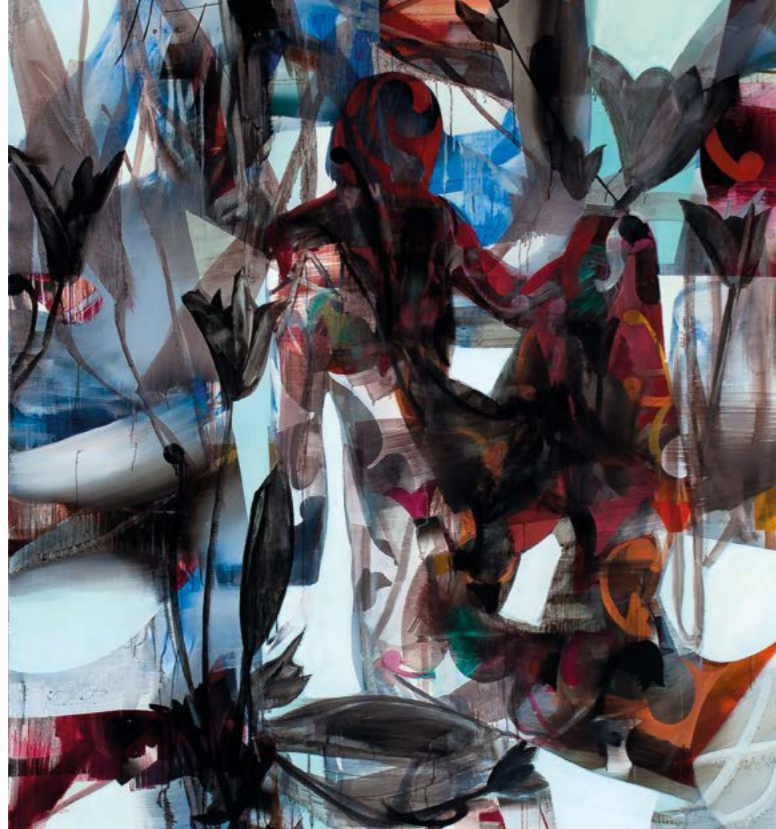
Lloret é nascido em Cuba. A ilha. Localizada em meio ao Oceano Atlântico, ao sul dos Estados Unidos. Não há quem estude a história contemporânea da humanidade e passe ao largo da história cubana. Alejandro é natural de Yaguajay, hoje província de Sancti Spiritus, nasceu em 1957. Estudou na Escola Nacional de Artes de Havana e se formou em pintura e desenho.

Após uma década em que insistentemente o governo lhe negava qualquer possibilidade de viagem para fora da Ilha, por motivos políticos (como foi caracterizado pela burocracia repressiva cubana), finalmente em 1993, obtém a permissão de vir ao Brasil para fazer uma exposição individual. O constrangimento infringido a sua pessoa aconteceu em função da prática religiosa - kriya Yoga - método ensinado por Paramahansa Yogananda, além do aprofundamento em reflexões filosóficas dissidentes do Marxismo. ▶

Foto: Kaco Hübner







"Crepúsculo I"  
Óleo sobre tela  
1,90 x 1,70m | 2013

1976 foi o ano que acontecem interrogatórios intensos, ameaças, restrições por parte das instituições repressivas conhecidas como União de Jovens Comunistas e do próprio Partido Comunista. Momentos muito difíceis.

Em 1988 uma comissão da ONU é enviada a Cuba para observar violações dos direitos humanos. Com mais trezentos opositores, Alejandro apresenta-se para fazer acusações de violações infringidas a ele e outros artistas. Todos os presentes recebem então o devido reconhecimento de sua resistência através de uma carta enviada pelo presidente da ONU. Em 1993 Lloret vem para o Brasil, diretamente para São Paulo, onde estabelece sua residência até janeiro de 2013.

E, na cidade que o acolheu, vai morar em bairros importantes da Capital Paulistana, como Pinheiros e Perdizes. Conhece Carla, a esposa, dois anos depois da chegada. Além do casamento, inicia-se uma parceria comercial que dura quase 18 anos. Carla é sua outra perna. Carla Saudades Lloret é marchand e historiadora de arte. Faz a intermediação da obra de Alejandro. Desde a sua chegada ao Brasil, impensável conceber a vida e obra sem a presença de Carla.

Nestes anos, Alejandro e Carla, constroem um bom mercado no Brasil, em alguns países da Europa e nos Estados Unidos. Abel Holtz, o maior colecionador privado de Joan Miró, já adquiriu seis obras suas. Em São Paulo, grandes colecionadores já adquiriram as suas obras de duas séries. Ao longo deste período foram inúmeras as exposições e leilões de sua obra no exterior e no Brasil.

Mas como este casal escolhe Garopaba para morar? Carla é responsável por isto. Desde os anos setenta, Carla e sua família frequentavam o paraíso, e o ideal de vida ficou em stand by dentro da memória. Mas o sonho nunca morrera, e assim, com o devido tempo e condições favoráveis, aportaram finalmente em Garopaba. No Morro da Silveira – uma colina lindíssima que divide ao meio uma majestosa paisagem do Oceano Atlântico com a bucólica Garopaba, finalmente este é o local escolhido por Alejandro e Carla. Sim, se com as palavras você já se viu nesta atmosfera incrível, imagine o que este casal visualiza todas as manhãs. E isto inspira, e muito! Mas o próprio

Alejandro define assim esta mudança da metrópole para a pequenina cidade a beira mar: “veja bem, eu tenho meia dúzia de razões que justificam o fato de eu ter me mudado para Garopaba, mas preferiria deixar bem claro que assim como Garopaba tem uma aparência que nos conduz ao sublime, também prefiro me deixar surpreender pela experiência do mistério que toma conta do meu dia na Silveira. Esse mistério, eu não consigo descrever (nem vejo sentido nenhum em fazê-lo) e que alimenta o meu continente estético e vital, tem se constituído uma companhia muito querida, não só para mim como para minha família. É bem claro, pelo menos para mim, como a experiência com o belo enriquece a vastidão dos seus olhares. Imagino que eles tenham a mesma percepção! – impossível acrescentar uma única vírgula ao conceito de Alejandro.

Alejandro expõe com regularidade em galerias pelo mundo. Tem reconhecimento internacional. As paisagens imaginárias de Lloret são totalmente brasileiras, carregam a busca de uma identidade que vem se construindo ao longo deste período onde optou pelo Brasil como a sua segunda pátria. Suas florestas-pensantes extrapolam a linguagem na fronteira da própria aparência. Sua obra coloca o expectador neste paradoxo: “elas existem ou não existem? estão dentro ou fora de nós?”. O Brasil lhe deu asilo político. Hoje tem a residência e está tramitando a nacionalidade brasileira.

Alejandro Lloret tem 55 anos de vida e é da geração dos artistas cubanos dos anos 80 que mudaram o panorama das artes visuais em Cuba. No Brasil, vem construindo suas florestas imaginárias brasileiras. Está na mídia especializada, em jornais de circulação nacional, e, revistas como a Vogue, o consideram um grande artista de nossos dias.



E Alejandro vai numa escalada paulatina, rumo à consolidação irrefutável do sucesso. Mas é um homem paradoxalmente culto e ao mesmo tempo humanizado, grato, reconhecedor de pessoas que o ajudam, seja no tempo passado, presente e futuro. Um verdadeiro cavalheiro das artes.

E nem que a Vip Garopaba tivesse a pretensão de trazer 1/10 de tanta criatividade, história, talento e lutas, conseguiria êxito. Portanto...

Alejandro, como definir a sua obra? Sem dúvidas, um desafio. Um colorido e magnífico desafio. Mas, vamos tentar de um modo que todos os leitores da Vip Garopaba possam assimilar, e caso não haja unanimidade, a proposta será propiciar o debate sobre sua obra. Obra esta carregada de emoção e realismo, aliás, realismo simplesmente falando não estaria correto, algumas de suas obras, podemos denominá-las como um hiper-realismo. Ao apreciá-las, qualquer ser vivo é sugado para o inacreditável, o maravilhoso, o belo. E o belo pode sim tomar contornos de perfeição. O perfeito nas mãos de Alejandro, pode tornar-se inacreditável. “Alejandro, Garopaba é a sua casa. Fique por aqui o tempo que quiser”. ■